Isabel Maria Figueiredo para a família e amigos de sempre, Isabela para os que a conhecem dos livros. Nascida em Maputo, antigo Lourenço Marques, Moçambique, Isabela tem feito da sua história de vida a base da sua escrita, escrita essa que faz questão de sublinhar ser, ainda assim, muito ficcionada. Em *A Gorda*, o seu mais recente livro, Isabela fala-nos das debilidades físicas e emocionais de uma mulher, Maria Luísa. Fala-nos da menina-mulher que cresce e representa a adolescente que ela própria foi um dia e a mulher que hoje é, fala-nos um bocadinho de todas as mulheres. Todas as que ainda têm tanto por que lutar. Isabela Figueiredo , que também é professora, dá-se a conhecer na primeira pessoa nesta entrevista e dar-se-á a conhecer pessoalmente na Galiza em finais de abril de 2017.

Foto: Rui Luís

Isabela Figueiredo:

«Num mundo como este é impossível não se ser feminista»

Carla Amado
Responsável do Centro Cultural do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. em Vigo

–Quem é a Isabela Figueiredo? Um pseudónimo ou um nome carinhoso?

–Isabela foi, de facto, um *nickname* que inventei para intervir num blogue que criei. Quis criar um nome bastante diáfano, artístico, bonito e lembrei-me da Isabela Rossellini num anúncio de perfume, no qual aparecia numa praça em Itália, com um ar muito leve e muito intenso e eu adorava aquele ar. Lembrei-me desse ambiente e quis chamar-me Isabela. É um nome muito próximo ao meu e uma fantasia minha. Agora há muitas pessoas que me tratam por Isabela e outras por Isabel.

–Presumo que para os seus alunos seja a Isabel. Estabelece uma relação próxima com eles?

–Sim. Não sou capaz de estabelecer uma relação distante com ninguém, portanto é natural para mim estabelecer relações próximas também com os meus alunos. Gosto muito de jovens, sinto-me muito bem no meio deles.

–Li algures que adorava ser professora na margem sul, em Almada. É verdade?

–Sim. Gosto de ser professora aqui, assim como gosto muito de viver na margem sul, acho que é um sítio especial. As pessoas têm a ideia de que a margem sul é um ambiente suburbano e que é hostil, mas é exatamente ao contrário. É como se vivêssemos numa aldeia, conhecemo-nos todos, somos amigos, existe proximidade, há laços de familiaridade entre nós e vive-se de forma muito próxima. A classe social, regra geral, não é muito alta, é média-baixa, mas gosto dos meus alunos aqui, porque eles precisam muito de confiança, de incentivo. O meu lado mais maternal satisfaz-se muito com eles porque às vezes não sou só a professora, também sou um bocadinho mãe deles.

–Completa também as necessidades afetivas que têm, não é?

–Sim. As deles e as minhas.

–Será que a Isabela gosta de dar aulas na margem sul precisamente pelo desafio que os problemas sociais representam? Do meu ponto de vista, esses problemas sociais podem ser um monstro.

–Os problemas sociais são, de facto, um monstro. Tenho de lidar com muitos problemas sociais, o que não é fácil. Não é agradável para um professor lidar com problemas sociais. É um desafio. Muitas vezes sou vencida pela questão. Tenho tido muitas turmas com alunos oriundos de bairros muito difíceis e com muitas faltas de meios financeiros. Não é que goste particularmente desse trabalho, mas acho que trabalho bem com esses alunos porque sou capaz de tolerar muitas coisas e sou suficientemente elástica para conseguir apanhá-los e dar-lhes a volta, mas é complicado conseguir o equilíbrio. O meu espírito de missão nestas alturas fica sempre bastante ao rubro, mas não é fácil.

–Relativamente à sua escrita... A Isabela tem um registo assumidamente autobiográfico. É-lhe mais fácil escrever sobre o que conhece? Fá-lo por ser mais cómodo? Será que vai escrever sempre assim?

–Não sei. Não faço ideia. Eu diria que a minha escrita simplesmente sai assim, mas, por outro lado, também é por ser essa a realidade que conheço bem. Se eu não conhecer bem uma determinada realidade, tenho de a investigar. Tenho de ler e de fazer um trabalho que muitas vezes não tenho tempo para fazer. A minha vida e a vida daqueles que estão à minha volta tornam-se assim numa boa base de trabalho. No entanto, o que sinto é que ficciono bastante o real. Ainda que a minha

escrita tenha uma base autobiográfica, parto da autobiografia para fazer ficção. Uma determinada personagem tem pedaços de mim, mas tem outras partes que não são nada minhas.

Em relação ao futuro, sinceramente não sei. Neste momento estou a começar a escrever um novo livro, menos autobiográfico do que os anteriores, mas continua, ainda assim a sê-lo. Não sei o que vai ser. Sei, contudo, que as personagens do meu próximo livro partem da minha vivência no sítio onde vivo. Inspiro-me em algumas personagens que conheço da rua e, claro, faço ficção sobre isso.

–Será a este motivo que se deve o seu êxito (*Caderno de Memórias Coloniais* foi publicado em 2009 e teve tanto sucesso que foi revisto e aumentado em 2015, chegando à 6.ª Edição, e *A Gorda* foi considerado um dos livros do ano de 2016) ou será que é por ter um estilo tão provocador e tão acutilante na linguagem que utiliza? Ou pode ser um misto dos dois?

–Pois. Penso que pode ser um misto dos dois. Não sei. Acho que é mais pelo segundo motivo. As pessoas que me leem e que falam comigo dizem-me: «eu identifiquei-me, eu reconheci-me aí, a minha vida também tocou nesses pontos, conseguiu

perceber-me a mim», portanto, de alguma forma, a minha experiência de vida é semelhante à dos outros. Nós, seres humanos, somos todos bastante semelhantes uns aos outros, vivemos as mesmas coisas, embora as vivamos em silêncio. Mas escrever, com base num conhecimento real da vida vivida, acaba por tocar o coração dos outros.

Ainda assim, a minha linguagem também é bastante coloquial. Tento que a complexidade do texto não se sobreponha à expressividade da mensagem. Gosto de escrever de forma a que o texto não fique demasiado pesado, gosto que o leitor leia sem sentir que está a ler um texto e para isso tem de haver fluência e facilidade discursiva que permita essa imersão do leitor no texto. O estilo não pode constituir ruído. O meu objetivo como escritora é que o leitor comece a ler o livro e se sinta envolvido e não consiga parar. E, para isso, não posso prender-me muito com questões literárias, de estilo, *rodriguinhos*, adjetivos, advérbios, figuras de estilo...

–A Maria Luísa, personagem principal de *A Gorda*, veio sozinha para Portugal e, tal como a própria Isabela, quando era ainda adolescente. A Isabela veio com os seus pais para Portugal ou também sozinha? Houve um sentimento de solidão? Sentiu-se sozinha quando chegou a Portugal?

–Eu vim sozinha para Portugal, exatamente como a Maria Luísa. As experiências que a Maria Luísa viveu, a solidão, baseiam-se na minha experiência de vida. E há, nesse aspeto, uma grande coincidência de experiências. Autobiográficas. Embora muito seja ficcionado, baseia-se de facto em conhecimento que eu adquiri naquela altura e em humilhações e vivências que tive.

–Alguma vez voltou a Moçambique?

–Voltei no natal passado, estive lá um mês. Foi publicada uma reportagem no jornal *Público* de 27 de janeiro 2017 relatando essa experiência. Está disponível online em: https://www.publico.pt/2017/01/27/culturaipsilon/noticia/um-lugar-onde-nunca-fui-1759449. Intitula-se «Um lugar aonde nunca fui».

Fui sozinha, completamente sem apoio, e por isso foi uma experiência muito difícil. Vale a pena ler o artigo, pois foi uma experiência muito dura e, quanto mais dura é a experiência, mais eloquente é depois o texto que a relata.

–Como recorda os seus tempos de jornalista? De que mais gostava e de que menos gostava? O que é que recorda com mais carinho?

–Aquilo que recordo com mais carinho são as pessoas com quem trabalhei e o momento de escrever. Gosto realmente de escrever, mas gosto de escrever por conta própria, aquilo que me apetece escrever. Não gosto de escrever o que os outros me mandam. Mandavam-me ir fazer uma reportagem de rua e eu não gostava disso. Gostava mesmo só do momento em que estava na redação a escrever. Escrever era o meu território e gostava das pessoas, mas nunca foi uma profissão que me fascinasse. Devido ao trabalho inerente. Fazia o meu trabalho e fazia-o bem feito, mas nunca me senti uma jornalista de coração.

–Como é que acontece que a Isabela tem um blogue e passa a ter uma página de *Facebook* que, na minha opinião, constitui quase um entretenimento ao serão, momento do dia em que a Isabela partilha alguns pensamentos mais provocadores e críticos e as pessoas parecem gostar disso? Tem consciência disto?

–Sim. Às vezes vou à minha página de *Facebook* de propósito para divertir as pessoas. Penso que as pessoas realmente se divertem comigo e a mim não me custa nada, porque aquilo é o que sou. É só chegar à página, escrever qualquer coisa e as pessoas ficam logo muito divertidas, não tendo eu de fazer esforço nenhum. A verdade é que não sou uma grande fã do *Facebook*, curiosamente. Acho que o *Facebook* é um registo bastante elementar. Gosto muito mais do blogue, porque o blogue me permite escrever melhor, com mais espaço, com mais concentração. O *Facebook* não, mas a verdade é que as pessoas hoje em dia estão no *Facebook* e é essa a forma de se chegar às pessoas. Vejo-me então obrigada a usar o *Facebook* para conseguir comunicar com as pessoas. No entanto, não sei quanto tempo mais. Mas é claro que me diverte divertir os outros.

–Diz isso, que não sabe quanto tempo mais irá usar o *Facebook*, porque não se identifica tanto? A Isabela na escrita não é tanto essa Isabela do imediatismo, do corresponder a um registo espontâneo?

–Sim, é exatamente isso! Eu preciso de mais profundidade naquilo que escrevo. Não quero só entreter. Claro que quero pôr as pessoas a falar e provocá-las, pô-las a pensar, mas, por outro lado, também sinto necessidade de ser mais profunda, de ser mais séria, mais meditativa e preciso de outro tipo de texto. Quando estou a escrever, como nesta fase, também não posso dispersar-me muito, não posso distrair-me com o *Facebook*, tenho de me concentrar. Portanto, estou agora a atravessar uma fase em que pondero parar um tempo com *Facebook*.

–Li que a Isabela escreve mais nas férias devido ao facto de a atividade letiva a ocupar tanto, sendo nesses períodos que tem oportunidade de se dedicar mais à escrita. As suas férias terão sempre esse lado dedicado à escrita e à introspeção?

–Sim. As férias de julho e agosto passei-as a escrever, por exemplo. Estive sempre em casa e estava um calor horrível lá fora. Numa viagem de lazer não escrevo. Escrevo só o meu diário. Às vezes penso nisso, que gostaria de ir para um sítio qualquer e dedicar-me à escrita, mas não tem sido possível.

–Para terminar, tenho uma pergunta que é antes uma dúvida. A Isabela considera-se uma feminista?

–Sim. Totalmente! Contudo, tenho algumas reticências relativamente ao vocábulo em si. Acho que é um conceito que me te medo às pessoas e que deveria ser revisto, porque está muito datado. Eu considero-me feminista de alma e coração, porque num mundo no qual as mulheres ainda têm tanta dificuldade para se impor, no qual não têm salários nem oportunidades, não têm direito a ser mães por causa do trabalho, nem sequer direito ao trabalho têm, num mundo em que as mulheres têm insegurança para andar na rua, como eu própria tive em Moçambique (tive de contratar um guarda-costas para poder andar na rua), num mundo como este, é impossível não se ser feminista. É impossível chegar-se ao dia 8 de março e dizer-se «eu não celebro este dia porque nós mulheres já chegámos a um patamar». Eu pergunto: chegámos a um patamar onde? É por isto que sou feminista! E sou-o com um crachá no peito!

A Gorda
Caminho — Capa mole
15,5 × 21 cm — 224 páginas
ISBN: 978-972-21-2833-9
15,90 €

Caderno de Memórias Coloniais
Caminho — Capa mole
13,5 × 21 cm — 224 páginas
ISBN: 978-972-21-2758-5
11,90 €

O Centro Cultural do Camões, I.P. em Vigo dará a conhecer as datas da digressão da Isabela na Galiza na sua página em www.facebook.com/InstitutoCamoesVigo